



José Gabriel Ávila*

Conto

O homem de negro

“Há uma semana chegara do Canadá para passar a festa com ele que vivia sozinho. Os outros seis filhos há muito emigraram: três vivem em Fall River, nos Estados Unidos e três em Toronto. Vidas difíceis que nunca mais tinham permitido voltar, nem mesmo pela morte da mãe, há um ano atrás.”

A noite caía sobre a cidade iluminada pelas festividades do Natal. Um silêncio sepulcral invadia a rua, só a espaços acordada pelo rodar de viaturas apressadas.

Deambulando em frente de casa, recordando um passado de tantas memórias, Patrício viu aproximar-se um vulto, em passos cadenciados, dirigindo-se para o centro do velho burgo.

“Alguém aflito, certamente, em busca de ajuda”, pensou o antigo morador da Rua da Cidade. “Quem me dera poder socorrê-lo...”

O vulto aproximou-se e, sem reduzir a marcha, soltou a tradicional saudação em tom delicado: “Boa noite!” Patrício, admirado, de imediato respondeu: “Boa Noite!”

Patrício, era um homem alto, simpático, bem falante, mas as cores da idade avançada já se refletiam no cabelo e na barba, destacando-se dos negros agasalhos da noite fria de Dezembro.

“Quem seria aquele rapaz vestido de negro dos pés à cabeça, barba por fazer tapando um rosto ainda jovem, sapatilhas gastas e negras, cabelo desgrenhado e mãos escondidas nas mangas de um pulôver gasto pelo uso?”, pensou Patrício continuando a palmilhar o reduto em volta da casa.

Estava ele nestes pensamentos sem respostas, e ouve-se uma voz feminina forte, do interior da casa:

“Pai, oh pai, venha p’ra dentro! Está frio. Anda p’raí um andaço de gripes a atacar muita gente. Oxalá o Pai não seja mais um. Deus o guarde!”, comentou Maria da Piedade, filha mais velha de Patrício, espreitando a rua, da porta de casa.

À medida que a noite avançava, o frio e o silêncio mais se acentuavam.

Não havia viv’alma pelo caminho, talvez porque aquela era a noite da família, e a ceia da consoada habitualmente acompanhada dos tradicionais licores caseiros que aquecem e confortam.

“Vamos p’ra dentro. São horas.”, disse Patrício à filha. “Se tua mãe fosse viva, ainda pensava ir à Missa do Galo. Assim, não tenho ninguém que me leve lá. Por esses caminhos escuros não me atrevo a caminhar...”

Maria da Piedade ouviu, sentiu-se impotente para satisfazer os desejos do pai e não respondeu.

Há uma semana chegara do Canadá para passar a festa com ele que vivia sozinho. Os outros seis filhos há muito emigraram: três vivem em Fall River, nos Estados Unidos e três em Toronto. Vidas difíceis que nunca mais tinham permitido voltar, nem mesmo pela morte da mãe, há um ano atrás.

Maria da Piedade, sentou-se na sala, junto do pai que, recostado na velha cadeira de balanço, coberto com uma antiga manta de lã, não desviava o olhar do Presépio. Para quebrar o silêncio e a saudade da mãe e dos irmãos desabafou:

“A vida é assim. Uma casa tão grande e de tanta gente, e de um momento para o outro vazia...” e as lágrimas rolaram-lhe pela cara abaixo, num choro de luto pela sua mãe que Deus chamara para si.

“Ó rapariga! - atalhou o pai - Deus sabe bem o que faz. Estávamos os dois pr’aqui a olhar um pr’ó outro e Nosso Senhor chamou-a primeiro. Agora estou à espera e não levará muito tempo também irei... Vossemeccês estão cada um para seu lado, com maridos e filhos. Não há coisa mais linda! Só eu estou pr’aqui sozinho. Vou continuar assim?...”

Maria ouviu e guardou para si o que lhe ia na alma.

A noite avançava e o sono começava a pesar.

Patrício, com as contas entre os dedos, de vez em quando dormitava. Maria, recostada no ombro do pai, não conseguiu manter-se acordada e sucumbiu ao cansaço das limpezas da casa.

De repente os sinos da Igreja começam a repicar, chamando os fiéis

para as cerimónias.

Sobressaltada, Maria despertou julgando que a noite de Natal já tinha passado.

“Está a tocar para a missa do dia, pai?”

“Ainda não, Maria. É para a Missa do Galo, mas não temos como lá ir...”

Decorridos alguns minutos, ouve-se um toque à porta: “Ó Maria! Ó tio Patrício!...” Fez-se um silêncio como se alguma coisa de grave tivesse ocorrido.

Na verdade não era isso. Um amigo da casa, Manuel Correia, homem religioso e ligado às coisas da igreja, lembrara-se de levar alguns idosos à Missa.

Maria ergueu-se, arranjou o vestido e o cabelo e sem mais reparos correu assustada para a porta.

“Tu por aqui, Manuel, a estas horas? Aconteceu alguma coisa de grave?”

“Não, Maria. Descansa. Eu é que me alembrei de levar teu pai à Missa do Galo. Tu que dizes? É uma prenda do Menino. Nada melhor vos posso dar...”

Maria escutou as palavras do antigo colega de escola e num gesto agradecido abraçou-o com as lágrimas nos olhos.

“Vai arranjar teu pai. Daqui a pouco volto cá”.

Maria da Piedade que tomara o nome da Padroeira da freguesia por devoção da mãe, ainda da porta, foi prevenindo o pai que tinha de arranjar-se para ir à Missa.

Patrício ergueu-se a custo da cadeira, mas com ar satisfeito, pois alguém se lembrara dele e de outras criaturas tementes a Deus, para quem a Missa do Galo constitui um marco da Fé dos crentes.

“Graças a Deus, que alguém pensa em nós”, murmurou Patrício. “Eu tinha a certeza de que o Menino não se ia esquecer da gente, mais não fosse a pedido de tua mãe...”

“Que alegria o Manuel nos deu, meu pai. Nem tudo é mau nesta vida. Nós é que não temos Fé suficiente para acreditar que Deus nos protege. Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo e sua Mãe Maria Santíssima!” afirmou Maria com voz forte e pronunciada.

“Deus seja Louvado!”, respondeu Patrício, apressando-se para ir à Missa do Galo.

